

A Igreja, casa da misericórdia

JOSÉ EDUARDO BORGES DE PINHO*

Resumo: Numa primeira parte nomeiam-se dimensões estruturais que mostram como a misericórdia está no cerne da identidade e missão da Igreja. Sublinham-se, assim, a leitura crente dos sinais dos tempos, a concentração da Igreja no anúncio do verdadeiro Deus, a compreensão da sacramentalidade como exigência de descentramento eclesial, a sensibilidade e atenção aos mais pobres e necessitados.

Na segunda parte explicitam-se, em termos de pressupostos e de indicativos, modos de concretização duma vivência eclesial que procura ser "casa da misericórdia". Nesse sentido destacam-se seis aspetos: a consciência eclesial da necessidade de renovação e reforma; o anúncio da misericórdia de Deus na perceção da "hierarquia das verdades" da fé; o desafio de dar espaço à gratuidade do perdão de Deus; a misericórdia e a justiça como interpelações à missão profética da Igreja; o serviço fraterno como expressão do amor misericordioso de Deus; uma espiritualidade e um estilo pastoral que deixem transparecer o rosto misericordioso de Deus.

Palavras-chave: Deus, misericórdia, Igreja, renovação, anúncio, perdão, justiça, serviço fraterno, estilo pastoral.

Abstract: In the first part, we point out to the structural dimensions that show how mercy is at the very core identity and mission of the Church. In this way, we underline the faithful reading of the signs of times, the Church's concentration on the proclamation of the true God, the understanding of sacramentality as a condition of ecclesial decentralization, as well as the sensitivity and attention towards the poorest and those in need.

* Faculdade de Teologia – Lisboa da Universidade Católica Portuguesa.

In terms of assumptions and suggestions, the second part explicates ways of a concrete ecclesial living which seeks to be a "house of mercy". In this sense, six aspects are highlighted: the ecclesial awareness of the need for renovation and reformation; the proclamation of the mercy of God within the perception of the "truth hierarchies" of faith; the challenge to make way for the gratuitousness of God's forgiveness; mercy and justice as interpellations for the Church's prophetic mission; the fraternal service as an expression of the merciful love of God; a spirituality and a pastoral attitude that let disclose the merciful face of God.

Keywords: God, mercy, Church, renovation, proclamation, forgiveness, justice, fraternal service, pastoral attitude.

A reflexão que me proponho fazer divide-se em duas partes. Num primeiro momento sublinho quatro dimensões estruturais (certamente não exclusivas) que fundamentam e explicitam como a misericórdia está no cerne da identidade e missão da Igreja. São aspetos que considero essenciais, tanto a nível de princípio como de busca de fidelidade ao Evangelho de Jesus, mas não menos como expressão consciente do viver da Igreja que se sabe situada sempre no decurso e nas circunstâncias da história. Na segunda parte visa-se explicitar, em termos de pressupostos e de indicativos, modos de concretização duma vivência eclesial que procura ser "casa da misericórdia" no anúncio, na celebração e no serviço fraterno, fundamentados numa espiritualidade bem enraizada e traduzidos num estilo pastoral coerente.

1. A misericórdia como interpelação à identidade e missão da Igreja

1.1. Uma Igreja que procura acolher as interpelações de Deus, na leitura crente dos sinais dos tempos

A Igreja de Jesus Cristo sabe donde vem e para onde vai, conhece as razões da sua esperança, tem consciência do que é chamada a ser e a fazer, sempre de novo se lembra e lhe é lembrado que a sua identidade e missão brota do Evangelho de Jesus Cristo como dom definitivo do amor de Deus à humanidade e impulso de renovação humana na força do Espírito. Mas ao mesmo tempo ela sabe que só pode ser fiel à sua identidade e missão se, em cada tempo e lugar, estiver atenta aos sinais de Deus que lhe são dados nos acontecimentos e vicissitudes da história, na vida das pessoas e da humanidade no seu conjunto, nos seus fracassos e nas suas esperanças, nos avanços,

recuos e dramas do viver humano ao longo dos tempos. A Igreja, mergulhada na história humana de que faz parte, sabe-se acompanhada nesse seu peregrinar pelo amor salvador e misericordioso de Deus, entende o caminhar no tempo como história de salvação.

Este dado elementar está relacionado com uma pergunta que me fiz a mim próprio ao pensar nesta comunicação: porquê o Papa Francisco convoca agora, nas circunstâncias atuais do mundo em que vivemos, a celebração dum Ano Jubilar da Misericórdia? Trata-se de uma inspiração casual, de uma ideia entre outras possíveis, ou porventura há aqui algo de mais profundo, sentido pela Igreja como interpelação de Deus na hora presente ao modo como entende e realiza a sua identidade e missão?

Creio que a resposta é inequívoca. Na Bula *Misericordiae Vultus*, o Papa Francisco assinala a surpresa que o tema da segunda encíclica de João Paulo II, *Dives in Misericordia*, suscitou em alguns, lembrando como se pretendia assim superar o esquecimento em que caíra o tema da misericórdia na cultura dos nossos dias:

«A mentalidade contemporânea, talvez mais que a do homem do passado, parece opor-se ao Deus de misericórdia e, além disso, tende a separar da vida e a tirar do coração humano a própria ideia da misericórdia. A palavra e o conceito de misericórdia parecem causar mal-estar ao homem, o qual, graças ao enorme desenvolvimento da ciência e da técnica nunca antes verificado na história, se tornou senhor da terra, a subjugou e a dominou (cf. Gn 1, 28). Um tal domínio sobre a terra, entendido por vezes unilateral e superficialmente, parece não deixar espaço para a misericórdia. [...] Por esse motivo, na hodierna situação da Igreja e do mundo, muitos homens e muitos ambientes, guiados por um vivo sentido de fé, voltam-se quase espontaneamente, por assim dizer, para a misericórdia de Deus»¹.

Nessa encíclica – recordo – João Paulo II fundamentava a urgência de anunciar e testemunhar a misericórdia no mundo contemporâneo «*pelo amor para com o homem*, para com tudo o que é humano e que, segundo a intuição de grande parte dos nossos contemporâneos, está ameaçado por um perigo imenso», dado que nos encontramos numa «fase difícil e crítica da história da Igreja e do mundo»². O Papa Francisco acrescenta, por seu turno, que este

¹ IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Dives in misericordia*, 2: [Carta Encíclica de 30 de novembro de 1980]. *AAS*. 72 (1980) 1179 s.

² IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Dives in misericordia*, 15. *AAS*. 72 (1980) 1228.

«ensinamento é hoje mais atual do que nunca [...]» e concretiza-o na necessidade de abrir o coração e os olhos «àqueles que vivem nas mais variadas periferias existenciais, que muitas vezes o mundo contemporâneo cria de forma dramática», às «situações de precariedade e sofrimento presentes no mundo actual», às «feridas gravadas na carne de muitos que já não têm voz, porque o seu grito foi esmorecendo e se apagou por causa da indiferença dos povos ricos», às «misérias do mundo», às «feridas de tantos irmãos e irmãs privados da própria dignidade [...]»³.

Não podemos deixar de associar a dramaticidade das situações com que hoje nos confrontamos com toda a história do século passado e, como aí, no meio dos profundos dramas e tragédias humanos, emergiram sinais de Deus a interpelar os cristãos e a humanidade no sentido de acolherem e traduzirem na prática o anúncio do amor misericordioso de Deus como mensagem nuclear do Evangelho. João Paulo II, como é sabido, devia muito da sua espiritualidade, enraizada numa experiência humana onde não faltaram grandes sofrimentos pessoais e enormes dramas sociais, à sua percepção das experiências místicas da Irmã Faustina Kowalska, que ele próprio proclamou santa na primeira canonização do terceiro milénio, centradas na misericórdia de Deus para com o mundo. Nesse mesmo sentido instituiu a celebração do "Domingo da Divina Misericórdia" e, na Encíclica *Ut Unum Sint*, caracteriza como traço essencial do ministério petrino, que foi chamado a exercer, o facto de ser «ministério da misericórdia»⁴.

Não se trata – creio – de um aspeto "privado" (ainda que tenha a marca "pessoal") da espiritualidade de um papa. Já João XXIII, no discurso de abertura do Concílio, tinha acentuado uma mudança de atitude no modo de a Igreja se opor aos erros, muitas vezes condenados até com a maior severidade: «Agora, porém, a esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia do que o da severidade. Julga satisfazer melhor às necessidades de hoje mostrando a validade da sua doutrina do que renovando condenações»⁵. No discurso de encerramento do Concílio, Paulo VI reafirma a mesma ideia, acentuando que

³ Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – *Misericordiae vultus*, 15: [Bula de Convocação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia de 11 de abril de 2015]. *AAS*. 107: 4 (2015), 409.

⁴ Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Ut unum sint*, 91-94, part. 93: [Carta Encíclica de 25 de maio de 1995]. *AAS*. 87 (1995) 975-977. Cf. NIYOKINDI, Nestor – *La Miséricorde comme clé de compréhension du mystère de Dieu-Trinité et de la mission de l'Église dans la trilogie des encycliques trinitaires de Jean Paul II*. Burgos: Monte Carmelo, 2013, p. 33 s. e 53 ss.

⁵ IGREJA CATÓLICA. Papa, 1958-1963 (João XXIII) – *Gaudet Mater Ecclesia*, VII, 2: [Discurso na abertura solene do Concílio de 11 de outubro de 1962]. *AAS*. 54 (1962) 792. Cf. NIYOKINDI – *La Miséricorde*, p. 28 s.

«a religião do nosso Concílio foi, antes de mais, a caridade», ou seja, uma atitude crente marcada pelo amor mútuo⁶.

E, se tendo tudo isto em conta, olharmos ainda para os acontecimentos místico-proféticos de Fátima e sua mensagem, ela própria inserida na conturbada e sofredora história do século XX, verificamos que no seu núcleo fundamental está o anúncio do amor misericordioso de Deus. O centro da mensagem de Fátima está no anúncio de Deus no seu mistério trinitário como amor que transborda e jorra para o mundo, certamente interpelando seriamente a liberdade e a responsabilidade humanas, mas sublinhando que no princípio, no meio e no fim está sempre presente o Senhorio amoroso de Deus sobre a história e a vida humana, lutando connosco e interpelando-nos a lutar contra o mal nas suas diversas expressões. Na experiência mística vivida na capela do convento em Tui, em junho de 1929, Lúcia pôde ler, na cruz de luz que lhe foi dado ver, as palavras “Graça e Misericórdia”, experiência essa que interpretou assim: «Compreendi que me era mostrado o mistério da Santíssima Trindade e recebi luzes sobre este mistério que não me é permitido revelar»⁷.

Se lembro aqui tudo isto, faço-o apenas como indicativo de uma leitura do nosso tempo que, como Igreja, fomos, somos convidados a fazer, se quisermos ser fiéis à nossa identidade e missão. Ou seja: de diversos modos e através de diversos acontecimentos e intervenientes, a Igreja tem tomado consciência de que está aqui, no anúncio e testemunho da misericórdia de Deus, algo de nevrálgico, como fidelidade a Deus e serviço à humanidade. Em termos estruturais isto quer dizer: a Igreja só pode ser fiel à sua identidade e missão, só pode ser “casa da misericórdia”, se viver numa atitude de abertura mental e sensibilidade espiritual constantes às interpelações que Deus, na memória atualizadora de Jesus pela força do seu Espírito, lhe faz através da leitura constante dos sinais dos tempos⁸, o que, na hora atual, se torna tanto mais

⁶ IGREJA CATÓLICA. Papa, 1963-1978 (Paulo VI) – *Hodie Concilium Oecumenicum Vaticanum secundum*: [Discurso na última sessão pública do Concílio Vaticano II de 7 de dezembro de 1965]. AAS. 57 (1965) 54.

⁷ Cf. BUENO DE LA FUENTE, Eloy – *A mensagem de Fátima. A misericórdia de Deus: o triunfo do amor nos dramas da história*. Fátima: Santuário de Fátima, 2013, p. 181 s. e p. 237-265; NIYOKINDI – *La Misericorde*, p. 44 ss.

⁸ «Na homília para a canonização, que teve lugar em 2000, João Paulo II realçou que a mensagem de Jesus Cristo à Irmã Faustina se situa temporalmente entre as duas guerras mundiais e está muito ligada à história do século XX. E, olhando para o futuro, afirmou: ‘O que nos trarão os anos que estão diante de nós? Como será o futuro do homem sobre a terra? A nós não é dado sabê-lo. Contudo, sem dúvida, ao lado de novos progressos infelizmente não faltarão experiências dolorosas. Mas a luz da Misericórdia Divina, que o Senhor quis como que entregar de novo ao mundo através do carisma da Irmã Faustina, iluminará o caminho dos homens do terceiro milénio’. É claro! Em 2000 tornou-se explícito, mas era algo que no seu coração já ia amadurecendo havia

evidente e premente quanto profundas transformações socioculturais estão a acontecer e continuarão a suceder⁹.

1.2. Igreja centrada e concentrada no anúncio do verdadeiro Deus

De facto, o que está em causa nuclearmente aqui – nesta atenção aos sinais e interpelações de Deus nas circunstâncias, nos movimentos e nos sinais dos tempos – é a fidelidade ao Evangelho através da busca, da afirmação e do testemunho do verdadeiro Deus, é a questão do acolhimento e anúncio do verdadeiro Deus. Se o Vaticano II concentrou de diversas formas as suas energias na reflexão sobre a Igreja, isso aconteceu com o objetivo de tornar a Igreja mais transparente e fiel no seu anúncio de Deus, afinal a grande questão que se coloca na vida de cada crente, a questão central que movimenta a Igreja no seu conjunto, atravessando a sua existência a todos os níveis. Este é, aliás, o sentido fundamental do Ano Jubilar da Misericórdia, que pretende precisamente despertar-nos para o que verdadeiramente significa para nós, para a vida da Igreja, para o futuro do mundo, para o viver no tempo e para a eternidade, o Mistério de Deus na sua ternura, no seu “amor visceral”, o Deus do amor misericordioso e fiel.

Para nós, cristãos, o rosto de Deus manifestou-se definitivamente em Jesus Cristo. Por isso mesmo, o fundamental, o decisivo na vida cristã é o encontro com Jesus, o rosto, o ícone da misericórdia de Deus, como sublinha a bula

muito tempo. Na sua oração, ele teve esta intuição”, que no seu coração já ia amadurecendo havia muito tempo. Na sua oração, ele teve esta intuição». IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – *Discurso do Papa Francisco aos párocos da diocese de Roma*: [Discurso de 6 de março de 2014]. *AAS*. 106: 3 (2014) 183-184.. No discurso aos bispos de Timor-Leste, o Papa Francisco acentuou: «Na verdade o Pai do Céu, ao enviar seu Filho na nossa carne, pôs em nós as suas entranhas de misericórdia. E, sem a misericórdia, poucas possibilidades temos hoje de nos inserir num mundo de “feridos” que tem necessidade de compreensão, de perdão, de amor. Por isso, não me canso de chamar a Igreja inteira à ‘revolução da ternura’ (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 88). Os agentes de evangelização devem ser capazes de aquecer o coração das pessoas, de caminhar na noite com elas, de dialogar com as suas ilusões e desilusões, de recompor as suas desintegrações». IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – *Discurso do Papa Francisco aos bispos da Conferência Episcopal de Timor-Leste em visita “ad limina apostolorum”*: (Discurso de 17 de março de 2014) [em linha]. [consult. 2016-01-27]. Disponível em WWW: <URL: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/march/documents/papa-francesco_20140317_ad-limina-timor-est.html>.

⁹ Cf. KASPER, Walter – *La misericordia. Clave del Evangelio y de la vida Cristiana*, 6ª edición. Santander: Sal Terrae, 2014, p. 11-28. «Se os cristãos não procurarem na misericórdia o seu carácter distintivo e se nós todos não voltarmos a dar cidadania cultural à compaixão e à misericórdia, acabaremos vítimas do cinismo mais frio, calculista e cruel». MARTO, António – *Maria, Mãe de Ternura e de Misericórdia. Carta Pastoral 2015-2017. No centenário das Aparições*. Fátima: Diocese de Leiria Fátima, 2015, p. 7.

*Misericordiae Vultus*¹⁰, um rosto que, de diversos modos, somos sempre de novo convidados a descobrir. Nas primeiras palavras da Encíclica *Deus Caritas Est*¹¹, o Papa Bento XVI lembrou-o programaticamente: «*Nós cremos no amor de Deus* – deste modo pode o cristão exprimir a opção fundamental da sua vida. Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo.» Esse novo horizonte, iluminado pelo amor, pela misericórdia e pelo perdão de Deus, foi aberto no acontecimento Jesus, sua vida, morte e ressurreição. Já na *Christifideles Laici*, João Paulo II tinha focalizado esta dimensão fundante da existência cristã, da identidade da Igreja e sua missão evangelizadora: «O homem é amado por Deus! Este é o mais simples e o mais comovente anúncio de que a Igreja é devedora ao homem»¹².

A Igreja é chamada a ser e só pode ser “casa da misericórdia”, se e na medida em que se dispuser a questionar e redescobrir constantemente o rosto verdadeiro de Deus, quem é verdadeiramente Deus no seu Mistério, o que significa realmente acreditar em Deus para a autenticidade da existência crente e para o sentido do viver humano¹³. Está aqui a mais radical pergunta que a Igreja é chamada a fazer, a maior interpelação que lhe é colocada, porque – temos de reconhecer – muitas das nossas ideias feitas e das nossas práticas habituais, dos nossos hábitos adquiridos e das nossas omissões repetidas, põem em causa o verdadeiro Deus em que dizemos acreditar. Falar do amor misericordioso de Deus é, pois, intuir e acolher a mensagem central evangélica, é abrir-se incondicionalmente ao seu Mistério, é viver na abertura ao Deus *semper maior* que supera todos os nossos critérios e pretensões, é saber deixar a Deus o que a Deus pertence, é acolher como certeza impulsionadora de vida o amor, a ternura, o perdão do nosso Deus. Não há dúvida: perguntar pelas condições de um anúncio e testemunho autênticos do Deus do amor e da misericórdia é a questão e a exigência mais radical que se coloca para cada cristão e para a Igreja no seu conjunto¹⁴.

¹⁰ Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – *Misericordiae vultus*, 1. *AAS*. 107, 4 (2015), 401.

¹¹ IGREJA CATÓLICA. Papa, 2005-2013 (Bento XVI) – *Deus caritas est*, 1: [Carta Encíclica de 25 de dezembro de 2005]. *AAS*. 98, 3 (2006) 217.

¹² IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Christifideles Laici*, 34: [Exortação apostólica pós-sinodal de 30 de dezembro de 1988]. *AAS*. 81 (1989) 456. «A missão evangelizadora da Igreja é essencialmente o anúncio do amor, da misericórdia e do perdão de Deus, revelados aos homens através da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, nosso Senhor.» IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Mensagem do Papa João Paulo II para o Dia Missionário Mundial 2002*: [Mensagem de 19 de maio de 2002]. *AAS*. 94 (2002) 679.

¹³ Cf. KASPER – *La misericórdia*, p. 87-130.

¹⁴ «Precisamos sempre de contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação. Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima

1.3. A sacramentalidade da Igreja como exigência de descentramento eclesial no horizonte do Reino de Deus

No sentido de a Igreja poder descobrir e anunciar mais fielmente o verdadeiro Deus, o Concílio recolocou a visão da Igreja dentro duma perspectiva de história da salvação e, conseqüentemente, de clarificação do seu lugar e papel dentro dessa história de salvação que continua como realidade acolhida e concretizada ao longo dos tempos. Reassumindo assim os pressupostos mais profundos de uma “teologia da eleição”, que não funda elitismos de qualquer espécie mas acentua, antes, a gratuidade amorosa e misericordiosa de Deus e aponta caminhos de serviço, testemunho e missão, a Igreja conciliar acolheu a noção de “sacramentalidade” como perspectiva iluminadora da sua identidade e missão.

Nessa ordem de ideias, superando os equívocos, absolutismos e estreitamentos do axioma “fora da Igreja não há salvação”, a Igreja entende-se decididamente como sinal e instrumento ao serviço do Reino de Deus que Jesus anunciou e viveu. Deste modo, a Igreja já não se compreende simplesmente como sendo a “instituição de salvação” (sem mais), como “o lugar” (exclusivo) da salvação (onde todos “têm de entrar” de algum modo, se querem ser salvos), mas percebe e procura viver a sua identidade e missão como manifestação e mediação históricas do amor salvífico universal de Deus, a favor da humanização dos seres humanos e do mundo¹⁵. A Igreja tomou, assim, renovada consciência de que não é um fim em si mesma, mas uma grandeza histórica relacional e uma realidade de mediação ao serviço de algo muito mais amplo e profundo que ela.

Na receção desta visão conciliar, a consciência eclesial foi e é interpelada a superar estreitamentos eclesiocêntricos, conceções e atitudes predominantemente voltadas para si mesma e preocupadas consigo mesma.

Trindade. Misericórdia: é o acto último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado». IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – *Misericordiae vultus*, 2. *AAS* 107: 4 (2015), 401.

¹⁵ Cf. BEINERT, Wolfgang – Die alleinseligmachende Kirche – oder: Wer kann gerettet werden? Freiburg. *Stimmen der Zeit*. 208, 2 (1990), p. 272; KASPER, Walter – Kirche als universales Sakrament des Heils. In KLINGER, Elmar; WITTSTADT, Klaus; RAHNER, Karl, eds., *Glaube im Prozess. Christsein nach dem II. Vatikanum*. Freiburg-Basel-Wien: Herder, 1984, p. 221-239. Cf. ainda as reflexões de MÜLLER, Denis – Précarité institutionnelle de l'Église et radicalité du Royaume. *Recherches de Science Religieuse*. 99 : 3 (2011) 395-413 e de CHIRON, Jean-François – Pourquoi l'Église? *Recherches de Science Religieuse*. 100: 4 (2012) 539-558.

Assume-se, assim e por um lado, que o objetivo primeiro e fundamental não é anunciar a Igreja, mas dar primazia absoluta ao Evangelho de Jesus, ou seja, ao verdadeiro anúncio de Deus e do seu amor efetivo por cada homem e mulher. Por outro lado e simultaneamente, através desse anúncio, vivido na autenticidade do testemunho crente, tem-se em vista impulsionar a verdadeira humanização do viver humano, tornar possível autênticos caminhos de fraternidade e de humanidade, contribuir para a tarefa de sermos plenamente humanos à luz e na força do plano criador e salvador de Deus¹⁶.

O decisivo passa aqui pela convicção fundamental – que tem de penetrar todo o tecido eclesial, os pastores e os fiéis, as mentalidades pessoais e as instituições eclesiais, o agir quotidiano e as grandes opções pastorais – de que a Igreja não ocupa o lugar central no sistema cristão¹⁷, de que a finalidade do seu viver e agir eclesiais não é a sua autopreservação ou autoafirmação a todo o custo, é deixar que a pessoa de Jesus e seu Evangelho possam ser reconhecidos no seu significado existencial para o viver humano e para futuro da humanidade. A Igreja existe nuclearmente para anunciar e testemunhar a todos os homens e mulheres o amor de Deus manifestado em Jesus Cristo e atuante em cada tempo e lugar pela força do seu Espírito, a sua missão prioritária é ser sinal e testemunho da misericórdia em todos os aspetos da sua vida. A Igreja pode ser dita, pois, como o faz, por exemplo, Walter Kasper, «sacramento do amor e da misericórdia»¹⁸.

1.4. Uma Igreja “serva e pobre”, sensível e atenta aos mais pobres, frágeis e necessitados

No entendimento e na concretização do que significa ser sinal e instrumento da misericórdia de Deus para cada ser humano, a identidade e missão da Igreja é atravessada nuclearmente pela consciência de ser chamada a situar toda a sua vida em relação com os mais pobres deste mundo, qualquer que seja a forma de pobreza que esteja em causa. Trata-se de uma consciência e de uma orientação prática básicas, iniludíveis, em termos de sinalização crível do olhar misericordioso de Deus sobre cada pessoa e de criteriológica de autenticidade eclesial. O caminho a percorrer passa pela busca, sempre difícil nas suas exigências e sempre limitada pelas fragilidades humanas, de uma Igreja que se sabe estruturalmente chamada a ser “Igreja serva e pobre”: «Só

¹⁶ Cf. FOSSION, André – Evangelizar de forma evangélica. Breve gramática espiritual para uma pastoral do renascimento. *Pastoral Catequética*. 16 (2010) 137 s.

¹⁷ Cf. MARTÍN VELASCO, Juan – La sal y la luz. Dos dimensiones de la presencia de las comunidades cristianas en la sociedad. *Sal Terrae*. 100 (2012) 305.

¹⁸ KASPER – *La misericordia*, 153.

uma 'Igreja serva e pobre', uma Igreja espiritualmente pobre, isto é, humilde e cultivando a humildade em seu seio, pode testemunhar o Evangelho de maneira verdadeiramente crível, sobretudo num mundo tão pouco habituado culturalmente à gratuidade e ao desapego. Uma Igreja pobre é também uma Igreja que vive na simplicidade e na partilha fraterna, do mesmo modo que uma Igreja prioritariamente atenta aos pobres, qualquer que seja a forma de pobreza e de exclusão, e comprometida pela sua libertação, em aliança com os outros humanos, qualquer que seja a sua tradição filosófica ou religiosa. Muito está feito, muito resta a fazer, no plano da formação dos católicos, no plano da mudança das mentalidades e das 'estruturas de pecado', no plano das teorias e das práticas socioeconómicas, para que 'o Evangelho seja anunciado aos pobres' (Lc 4, 18)¹⁹.

Depois de alguns tempos de um certo silêncio, certamente por efeitos da chamada "teologia da libertação" – aliás muitas vezes mal compreendida numa Europa ainda de alguma abundância –, volta-se hoje a ter uma consciência mais viva da relação indissolúvel entre a identidade e missão da Igreja e o serviço dos mais pobres, nas diversas situações que tal implica. Para além da inequívoca centralidade evangélica do amor a Deus e ao próximo como critério que avalia todo o nosso pensar e agir, para além da identificação evangélica de Jesus com todo aquele que está em necessidade (cf. Mt 25, 31-45), continua a ser interpelativo o que Paulo escreve na Carta aos Gálatas sobre a sua ida a Jerusalém, na busca dos caminhos da comunhão com as testemunhas primeiras do Evangelho: recomendaram «somente que nos lembrássemos dos pobres [...]» (cf. Gl 2, 10).

Nesta mesma ordem de ideias, a *Lumen gentium* é inequívoca ao lembrar o exemplo de Cristo e as consequências que a Igreja deve tirar daí para o seu modo de estar e de viver no mundo: «Mas, assim como Cristo realizou a obra da redenção na pobreza e na perseguição, assim a Igreja é chamada a seguir pelo mesmo caminho para comunicar aos homens os frutos da salvação. [...] Cristo foi enviado pelo Pai 'a evangelizar os pobres... a sarar os contritos de coração' (Lc 4,18), 'a procurar e salvar o que perecera' (Lc 19,10). De igual modo, a Igreja abraça com amor todos os afligidos pela enfermidade humana; mais ainda, reconhece nos pobres e nos que sofrem a imagem do seu fundador pobre e sofredor, procura aliviar as suas necessidades, e intenta servir neles a Cristo»²⁰.

¹⁹ FAMERÉE, Joseph – Le Catholicisme ou la tentation de l'intégralisme. *Revue théologique de Louvain*. 44 (2013) 380 s.

²⁰ IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano – *Lumen Gentium*, 8: [Constituição dogmática de 21 de novembro de 1964]. *AAS*. 57 (1965) 12. Cf. IGREJA CATÓLICA: Conferência Episcopal Espanhola – *Iglesia, servidora de los pobres. Instrucción Pastoral (2015)*. [em linha]. [consult. 2016-01-27]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.conferenciaepiscopal.es/>

E não há dúvida de que o magistério do Papa Francisco trouxe nesta matéria novos impulsos que interpelam à reflexão e, sobretudo, à ação²¹.

Todos sabemos que, nesta matéria, é mais fácil dizer do que fazer. Mas calar simplesmente é cair numa contradição ainda maior, porque negação de algo essencial da identidade e missão da Igreja à luz do Evangelho. A proximidade e atenção aos pobres, aos que sofrem, aos marginalizados e a todos aqueles que vivem situações de precariedade e sofrimento, privados até da própria dignidade, carentes de sinais de acolhimento e proximidade efetiva é aspeto decisivo do verdadeiro anúncio de Deus²². Ao longo da história do cristianismo, não menos no nosso tempo, tem havido sempre cristãos que perceberam que a pobreza, em sua desumanidade, pode ser considerada como a questão do destino da fé cristã, e nesse sentido fizeram opções fundamentais de vida e de pensamento verdadeiramente interpelantes. Afinal, é na atenção ao que os mais pobres nos têm a dizer que surge a percepção mais exata e mais profunda de como devemos ver o mundo aos olhos de Deus²³, do que verdadeiramente está em causa quanto ao sentido do viver humano.

2. O anúncio, a celebração e o testemunho da misericórdia – alguns pressupostos e indicativos

Na consciência de que estamos perante o cerne da mensagem do Evangelho e de que a misericórdia constitui a «arquitrave que suporta a vida da Igreja» e sua credibilidade²⁴, trata-se agora, nesta segunda parte, de concretizar alguns pressupostos e indicativos fundamentais para que a Igreja viva e testemunhe a misericórdia, para que ela possa ser, seja, casa da misericórdia. Destaco seis aspetos.

instruccion-pastoral-iglesia-servidora-los-pobres/>; PLANELLAS I BARNOSELL, Joan – A Igreja dos pobres. Do Vaticano II ao Papa Francisco. *Communio*. 32 (2015) 181-196; KASPER – *La misericordia*, p. 60-62 e p. 165; NIYOKINDI – *La Misericorde*, p. 65 ss.; ARNTZ, Norbert – Vom "Konstantinischen Pakt" zum Katakombenpakt. *Stimmen der Zeit* 233 (2015) 723-735; PIRES, Basileu – A Igreja dos pobres, hoje. In MARIANOS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA ed., *Obras de Misericórdia. IV e V Semanas de Espiritualidade sobre a Misericórdia de Deus. Anos 2001 e 2002*. Fátima: Edições MIC, 2003, p. 23-66; DE MORI, Geraldo – Une théologie à l'école des pauvres. Les nouvelles "frontières" de la théologie de la libération. *Revue théologique de Louvain* 46 (2015) 369-398.

²¹ Cf. particularmente IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – *Evangelii Gaudium*, 186-201: [Exortação apostólica pós-sinodal de 24 de novembro de 2013]. *AAS*. 105, 12 (2013) 1098-1105.

²² Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – *Misericordiae vultus*, 15. *AAS* 107: 4 (2015), 409.

²³ Cf. COULANGE, Pierre – Deus tem o privilégio de ver os pobres. *Communio* 32 (2015) 197-206.

²⁴ Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – *Misericordiae vultus*, 10-12. *AAS* 107: 4 (2015), 406-407.

2.1. A consciência de ser Igreja a caminho na história, sempre necessitada de renovação e reforma

Nesse sentido, um ponto de partida básico, um pressuposto indispensável consiste numa atitude mental e espiritual que traduza disponibilidade para analisar e repensar o estado atual da vida da Igreja, os caminhos que vamos trilhando, as prioridades que temos, os sinais que damos. Referindo-se embora especificamente ao contexto ecuménico, mas, em boa verdade, sublinhando algo que respeita ao nível global da consciência eclesial e ao seu modo de situar-se no mundo, o Concílio Vaticano II, no Decreto sobre o Ecumenismo, apontou a necessidade de a Igreja assumir consciente e praticamente uma atitude de renovação e de reforma. «Toda a renovação da Igreja – lê-se aí – consiste essencialmente numa maior fidelidade à própria vocação. Esta é, sem dúvida, a razão do movimento para a unidade. A Igreja peregrina é chamada por Cristo a essa reforma perene. Como instituição humana e terrena, a Igreja necessita perpetuamente desta reforma. Assim, se em vista das circunstâncias das coisas e dos tempos houve deficiências, quer na moral, quer na disciplina eclesiástica, quer também no modo de enunciar a doutrina – modo que deve cuidadosamente distinguir-se do próprio depósito da fé – tudo seja reta e devidamente restaurado no momento oportuno»²⁵.

A renovada percepção do lugar que a misericórdia ocupa no anúncio de Deus e na concretização da identidade e missão da Igreja pede, antes de mais, um profundo exame de consciência. Muito do que hoje constitui, ao nível doutrinal estrito ou prático-eclesial mais amplo, os modos habituais de pensar e de agir no seio da Igreja, por mais válidos que sejam ou possam ser, está inevitavelmente marcado pelas circunstâncias do tempo que passa, por condicionamentos histórico-culturais que continuam a pesar em hábitos adquiridos, normas estabelecidas, sem que, frequentemente, haja o mínimo de disponibilidade mental e espiritual para a necessária relativização de muita coisa. Num livro de 2014 que, dada a sua idade, admite desde logo ser a última grande obra que virá a escrever, o conhecido teólogo Gisbert Greshake, explicitando o que Maria pode e deve significar para a renovação da Igreja, insiste na necessidade de se compreender a dimensão institucional na Igreja à luz da pneumatologia, ou seja, na importância de se reconhecer e valorizar a dimensão carismática face ao peso do institucional na Igreja. Nessa ordem de ideias escreve: «Esta tensão que se sente actualmente para além de todas as medidas entre instituição, administração centralizadora, aparelho clerical e

²⁵ IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano – *Unitatis Redintegratio*, 6: [Decreto de 21 de novembro de 1964]. AAS. 57 (1965), 96-97.

moralismo, por um lado, e a vida a partir da boa notícia da graça, por outro, só se deixa realmente superar, se a Igreja acolher de novo um perfil mariano, um perfil no qual as estruturas e ordens, leis da fé e parágrafos exteriores se orientarem pelo 'coração' da Igreja»²⁶. Citando, noutro passo, Klaus Hemmerle, teólogo e antigo bispo de Aachen, já falecido, G. Greshake acrescenta: «A Igreja 'tem de ser marcada mais por Maria e pelo mariano do que por Pedro e pelo ministério petrino'. Assim como no Vaticano II, devidamente, se integrou Maria na Igreja, importa hoje integrar a Igreja em Maria, para desse modo alcançar tanto uma concentração mística da vivência da fé como uma saudável 'relativização' da institucionalização eclesial»²⁷.

Penso que esta perspetiva pode ser enunciada para além do "princípio mariano" aqui concretamente referido e num olhar de autenticidade e verdade sobre a realidade quotidiana que nos envolve. Há que não ter medo de questionar muita coisa na vida concreta da Igreja, se verdadeiramente queremos ser transparência do amor misericordioso de Deus para cada homem e cada mulher, qualquer que seja a sua situação. Obstáculos a esta transparência são vários, e apenas enuncio alguns: a existência de um legalismo rigorista que faz do cumprimento estrito da lei a última palavra do Evangelho; a pretensão de uma posse de verdade que não dá lugar à interrogação e impede todos os caminhos de possível diálogo; a incapacidade de perceber a vida real das pessoas, com suas interrogações e desafios perante as incertezas do futuro; a prossecução, porventura inconsciente, de uma "mentalidade eclesiástica", tanto de expressão clerical como laical, que acaba por dominar os nossos critérios e as nossas opções e não deixa lugar a qualquer autocrítica. O pior ou mais grave é que nem nos damos conta do que vai acontecendo: é como o ar que se respira...

Para a Igreja e para cada um de nós, falar de misericórdia exige a humildade de reconhecer a conotação crítica e interpelativa que o anúncio da misericórdia contém e que não nos pode deixar indiferentes²⁸. Doutra forma permaneceremos simplesmente em declarações mais ou menos bonitas...

²⁶ GRESHAKE, Gisbert – *Maria-Ecclesia. Perspektiven einer marianisch grundiertern Theologie und Kirchenpraxis*. Regensburg: Pustet, 2014, p. 462.

²⁷ GRESHAKE – *Maria-Ecclesia*, p. 464.

²⁸ «Através da palavra e do sacramento, mas também através de toda a sua vida, a Igreja tem que tomar presente na história e na vida do cristão individual o evangelho da misericórdia, que é o próprio Jesus. Mas ela mesma é também objecto da misericórdia divina. Como corpo de Cristo foi salva em Jesus Cristo, mas em seu seio alberga também pecadores e, portanto, deve ser purificada sempre de novo, a fim de existir pura e santa (cf. Ef 5, 23-26 s.). Por isso, deve perguntar-se sem cessar e com atitude autocrítica se está, de facto, à altura do que é e deve ser». KASPER – *La misericordia*, p. 153.

2.2. O anúncio da misericórdia de Deus, na consciência da “hierarquia das verdades” da fé

O reconhecimento da centralidade da misericórdia na percepção do mistério de Deus, na compreensão da identidade e missão da Igreja, na vivência da experiência cristã, implica um novo sentido do que a Igreja tem verdadeiramente a anunciar. Também aqui o Concílio nos deixou indicativos importantes: por um lado, na Constituição Dogmática *Dei Verbum* superou uma visão teórico-instrutiva da revelação, que era vista sobretudo como um conjunto mais ou menos amplo de verdades a conhecer e a afirmar, e abriu a experiência crente para uma compreensão da revelação como autocomunicação de Deus no seu amor para conosco, como acontecimento de relação, entrega, confiança, amor. Por outro lado, no Decreto sobre o Ecumenismo, lembrou que há uma hierarquia de verdades da fé, e o sentido dessa hierarquia – como recordou de novo a *Evangelii Gaudium* – não é um aspeto secundário ou acidental, mas verdadeiramente essencial na própria compreensão, na vivência e no anúncio da fé²⁹.

Em concreto, isto significa que não temos muitas verdades a anunciar, ou, antes, tudo o que temos a anunciar concentra-se no e está ao serviço do amor salvífico e misericordioso de Deus que, em Jesus Cristo e na força do seu Espírito, veio ao nosso encontro, sustenta gratuitamente a nossa vida, solicita – para nosso bem como seres humanos – o acolhimento da fé e a resposta do amor³⁰. Sem querer justificar ou desculpar uma ignorância de conteúdos da fé que afeta a qualidade da própria vivência crente, importa mostrar e ajudar a compreender que o sentido básico e nuclear da atitude crente não passa pelas muitas verdades a conhecer e a afirmar, mas pela entrega confiante ao Mistério, pela adesão existencial autêntica, pela coerência prática de vida. É

²⁹ Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – *Evangelii Gaudium*, 34-39. AAS 105: 12 (2013), 1034-1036.

³⁰ Lê-se na Declaração Conjunta Católico-Luterana sobre a Doutrina da Justificação (1999): «Confessamos juntos: somente por graça, na fé na obra salvífica de Cristo, e não por causa de nosso mérito, somos aceitos por Deus e recebemos o Espírito Santo, que nos renova os corações e nos capacita e chama para as boas obras” (n.º 15). E no n.º 17 sublinha-se deste modo o alcance profundo da mensagem da justificação: “ela nos diz que como pecadores devemos nossa vida nova unicamente à misericórdia perdoadora e renovadora de Deus, misericórdia esta com a qual só podemos ser presenteados e que só podemos receber na fé, mas que nunca – de qualquer forma que seja – podemos fazer por merecer». IGREJA CATÓLICA. Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos – *Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação*: (Declaração de 31 de outubro de 1999). [em linha]. [consult. 2016-01-27]. Disponível em WWW: < URL: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/documents/rc_pc_chrstuni_doc_31101999_cath-luth-joint-declaration_po.html>.

nessa perspectiva do núcleo do acontecimento salvífico que a misericórdia de Deus pode e deve ser reconhecida como a verdade fundamental da fé cristã³¹. Mais do que um Catecismo bem elaborado ou um texto teológico muito bem pensado, os homens e mulheres de hoje pedem palavras e sinais de autenticidade, de amor, de verdade, de sentido para a vida, de ajuda a enfrentar os múltiplos problemas que a vida quotidiana traz³².

O sentido da hierarquia das verdades da fé impulsiona-nos, pois, a dar a cada aspeto a devida importância, a saber distinguir o essencial do acessório, a discernir o que verdadeiramente importa para a humanidade do homem à luz de Deus, a examinar as nossas ideias e a nossa ação pastoral à luz de critérios de essencialidade evangélica. Penso nas nossas celebrações e suas homilias, naquilo que movimenta o nosso viver cristão comunitário, no modo como valoramos muita coisa. Há aí verdadeiro anúncio da misericórdia de Deus, há gestos, palavras, sinais que possam ajudar a colocar a questão de Deus e a perceber a centralidade do seu amor misericordioso, há superação do religioso pelo religioso a favor de uma atenção à globalidade da vida e seu sentido?

2.3. A celebração da misericórdia na vida da Igreja: o desafio de dar espaço à gratuidade do perdão de Deus

A centralidade do anúncio e testemunho da misericórdia passa decisivamente pela celebração da fé. Desde logo porque – e esta é a base criteriológica fundamental para tudo o que fazemos na Igreja como celebração da fé – no centro da celebração cristã não está o nosso agir, mas o acolhimento do agir misericordioso de Deus: «Liturgia fundamenta-se no facto de ser Deus aquele que age. Culto não significa que as pessoas queiram dispor de Deus, mas sim que se querem pôr à sua disposição. No centro do culto não está a

³¹ «A própria misericórdia é a verdade fundamental da fé cristã. Por isso, ela não pode ser contraposta ao testemunho da verdade. [...] Antes, enquanto verdade fundamental segundo a hierarquia das verdades, a misericórdia deve ser entendida como o princípio hermenêutico para a interpretação e a aplicação da verdade da fé e para a interpretação e a aplicação do direito canónico, cuja lei suprema é a salvação das almas». KASPER, Walter – *La sfida della misericordia*. Magnano: Qiqajon, 2015, p. 53 s.

³² «A primeira verdade da Igreja é o amor de Cristo. E, deste amor que vai até ao perdão e ao dom de si mesmo, a Igreja faz-se serva e mediadora junto dos homens. Por isso, onde a Igreja estiver presente, aí deve ser evidente a misericórdia do Pai. Nas nossas paróquias, nas comunidades, nas associações e nos movimentos – em suma, onde houver cristãos –, qualquer pessoa deve poder encontrar um oásis de misericórdia». IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – *Misericordiae vultus*, 12. AAS 107: 4 (2015), 407.

nossa actividade, mas sim a acção libertadora de Deus que se torna presente em e através de Jesus Cristo»³³.

Dentro deste dado fundamental, a Igreja traz consigo, como dom do seu Senhor, a possibilidade e o dever de sinalizar e oferecer o perdão de Deus em todas e quaisquer situações. «A misericórdia será sempre maior do que qualquer pecado, e ninguém pode colocar um limite ao amor de Deus que perdoa»³⁴.

Todos sabemos que as formas de realização do sacramento da penitência ou reconciliação conheceram profundas transformações ao longo da história. Todos sabemos igualmente que nem sempre, na prática da mediação eclesial da reconciliação, se consegue ser esse sinal transparente do amor misericordioso de Deus que ele deve ser, em razão de mentalidades casuísticas, atitudes judicativas ou até faltas de elementar sensibilidade humana. Todos conhecemos também os problemas pastorais que aqui existem, ao ponto de se falar de uma crise da prática do sacramento da reconciliação³⁵.

Essa crise existe, mas não devemos cair demasiado rapidamente em visões pessimistas ou catastróficas, idealizando o passado³⁶ e menosprezando os desafios de renovação e criatividade que aqui nos são colocados. Creio, antes, que a tomada de consciência da realidade nos interpela mais fundo: há que dialogar profundamente na Igreja sobre o que aqui está em causa, certamente sobre os modos, os tempos e as formas práticas aqui envolvidos, mas não menos sobre caminhos abertos ao futuro que importa implementar. A pergunta pelas expressões concretas através das quais a Igreja pode e deve sinalizar o perdão de Deus tornou-se urgente e inadiável, o que não pode deixar de passar por uma profunda renovação de mentalidades e de prática³⁷.

³³ Beschluß: Gottesdienst. In *Gemeinsame Synode der Bistümer in der Bundesrepublik Deutschland. Offizielle Gesamtausgabe I*. Freiburg-Basel-Wien: Herder, 1976, p. 197.

³⁴ IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – *Misericordiae vultus*, 3. AAS 107: 4 (2015), 401.

³⁵ Cf. KASPER – *La Misericordia*, p. 159-162. Vale a pena reler alguns textos diretamente relacionados com a VI Assembleia do Sínodo dos Bispos em *La Documentation Catholique* 1855 (1983), 691-693, e 1862 (1983) 1041-1058.

³⁶ O facto de haver um mandamento da "Santa Madre Igreja" obrigando à confissão ao menos um vez por ano e o modo como se procedia à "desobriga" (era o termo utilizado) sinalizam bem que não podemos cair nessa visão algo idealizada. De resto, já no Sínodo dos Bispos de 1983 se falou abundantemente da "crise" do sacramento da penitência.

³⁷ Em termos de revisão de um passado não muito longínquo, porventura ainda presente aqui e acolá nalgumas mentalidades e práticas, trata-se, designadamente, de superar definitivamente qualquer tendência a fazer do sacramento da reconciliação mais um lugar de juízo do que um espaço-momento de abertura plena do coração ao perdão de Deus, de eliminar pretensões de mediação abusivas porque não dão o devido lugar a Deus, de ultrapassar um individualismo tradicionalmente arreigado em detrimento do lugar do comunitário e da dimensão comunitária-social aqui necessariamente envolvida.

Nesse sentido há que valorizar os diversos momentos possíveis de descoberta, expressão e acolhimento do perdão de Deus na vivência crente pessoal e na vida da comunidade eclesial, não só mas designadamente pela maior atenção a outros sinais e gestos que, embora liturgicamente previstos, acabam por não ter significado existencial concreto. O momento penitencial na eucaristia não pode continuar a ser aquela prática rotineira que pouco ou nada diz nesta matéria. A confissão individual, sempre um momento de importância indiscutível, pode e deve ser mais acompanhada por celebrações comunitárias com dimensão sacramental mais ampla e por práticas de aconselhamento espiritual, realizadas por sacerdotes mas também, eventualmente, por cristãos leigos vocacionados por Deus e chamados pela Igreja para isso (penso, por exemplo, na figura do *starets* na tradição ortodoxa russa; mas há carismas que não emergem porque nunca os deixamos desabrochar...).

Duas coisas me parecem claras, neste momento, como estímulo à reflexão e à ação. Apesar da sua importância nuclear, seria redutor qualquer afunilamento da celebração do Ano Jubilar da Misericórdia neste domínio. Por outro lado, estamos perante um desafio enorme à sensibilidade e à criatividade pastorais, assentes numa boa teologia: se não houver coragem teológica, espiritual e pastoral para não nos deixarmos limitar pelos critérios e pela prática estabelecidos, de certeza que falharemos em algo de essencial³⁸. Corremos o risco de nos situarmos à margem da realidade vivida por muitas pessoas, o risco de não conseguirmos ser sinais transparentes da autêntica misericórdia de Deus, pacificadora e dadora de nova vida. Corremos o risco de a possibilidade e o dom do perdão, que abre novas possibilidades de vida e caminhos de verdadeira libertação humana, não serem aquele anúncio profético, dentro da comunidade eclesial e para além das fronteiras da Igreja, que é e deve ser.

³⁸ Para um aprofundamento de toda esta complexa problemática, cf. CABECINHAS, Carlos – Reconciliação: tradição e realidade atual. In A. JORGE, Ana; PINHO, J. E. B. de, coord. – *Envolvidos no amor de Deus pelo mundo. Experiência de Deus e responsabilidade humana*. Fátima: Santuário de Fátima, 2015, p. 225-237; THEOBALD, Michael – Versöhnung im Gemeindebezug – Gnade durch Regeln? Biblisch-frühkirchliche Reminiszenzen. *Theologische Quartalschrift*. 194 (2014) 171-191; HILBERATH, Bernd Jochen – Versöhnung – Lossprechung – Andachtsbeichte – Bussandacht: Ressourcen eines menschlichen-christlichen-kirchlichen Grundvollzugs. *Theologische Quartalschrift* 194 (2014) 213-223; GETCHA, Job – La Confession et la direction spirituelle dans l'Église orthodoxe. *Irénikon*. 83, 1 (2010) 5-25; TIDJANI, Pierre – La Reconciliation avec l'Église dans le sacrement du pardon. *Nouvelle Revue Théologique*. 137 (2015) 542-560.

2.4. Misericórdia e justiça como interpelações à missão profética da Igreja

O anúncio e testemunho da misericórdia não pode deixar de se confrontar com a questão da justiça. Ou seja: é a misericórdia compatível com a justiça ou acaba por ser uma negação desta? Como pode a Igreja anunciar simultaneamente a misericórdia e a justiça?

A abertura do nosso coração ao Deus *semper maior*, rico em misericórdia, questiona indubitavelmente o nosso conceito de justiça e os esforços concretos que fazemos para a realizar. Olhando para o mistério de Deus, verificamos, somos capazes de intuir, à luz do modo de agir de Jesus como expressão do agir do Pai, que os nossos critérios de justiça, por mais válidos que humanamente pareçam ser e por mais esforços de concretização que exijam da nossa parte, não aguentam, em última análise, o crivo dos critérios de Deus. Ao nível do próprio Mistério de Deus e sua relação connosco, a misericórdia não contraria a justiça, mas engloba-a e supera-a, é a forma de Deus manifestar a sua onnipotência e a sua justiça³⁹. A misericórdia de Deus emerge como expressão do mais íntimo e insondável do seu Mistério de amor, é a sua primeira, antes da criação, e a sua última palavra, face ao destino final do mundo e da história.

Mas a questão da relação entre misericórdia e justiça tem de ser colocada também noutros registos, sem deixar de ser questionada por este. Todos sabemos que a justiça e a sua busca são um conceito e uma tarefa essenciais em termos de construção da sociedade humana. Relativizar a justiça em nome da misericórdia seria falacioso. Desde logo porque, parafraseando Oseias em sentido inverso, somos homens, não somos Deus (11, 8-9). Quer dizer: não se pode contrapor justiça e misericórdia, como se tudo fosse relativo e, no fim de contas, insignificante, aos olhos dos homens e, em última instância, aos olhos do próprio Deus. O caminhar humano na história, caldeado e interpelado constantemente pela misericórdia – para nós, cristãos, à imagem do Pai que está nos Céus – tem de se questionar pela justiça no relacionamento entre as pessoas, na ordenação da sociedade, no modo como se constrói o viver humano. A verdadeira misericórdia torna-nos mais sensíveis às exigências da justiça, a misericórdia é «o fundamento e a fonte inovadora e motivadora da justiça social»⁴⁰. Deste sentido profundo do que é a justiça de Deus, decorrem para nós, ao nível das relações humanas, o dom e a tarefa de sabermos ser, simultaneamente, justos e misericordiosos.

³⁹ Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – *Misericordiae vultus*, 6 e 21. AAS 107: 4 (2015), 403 e 413. Cf. KASPER – *La Misericordia*, p. 87 ss. e p. 141 s.

⁴⁰ Cf. KASPER – *La Misericordia*, p. 190.

Há aqui inegavelmente uma tensão que não se pode ignorar: também nós somos interpelados a superar a justiça pela misericórdia. Mas só se consegue verdadeiramente viver e testemunhar a misericórdia, no concreto do viver humano, se tivermos, antes de mais, um enorme, amadurecido, permanente sentido de justiça, não tanto como direitos que temos a exigir dos outros, mas sobretudo como apurado sentido dos direitos dos outros e de respeito por eles. Para a Igreja não pode deixar de ser tarefa prioritária e constante a denúncia corajosa da injustiça, sob qualquer forma que ela se manifeste: «A ação pela justiça e a participação na transformação do mundo – afirmou o Sínodo dos Bispos de 1971 – aparecem-nos claramente como uma dimensão constitutiva da pregação do Evangelho, que o mesmo é dizer, da missão da Igreja, em prol da redenção e da libertação do género humano de todas as situações opressivas»⁴¹. Se não deve confundir o papel do Estado e a missão da Igreja, há uma “justa ordem da sociedade e do Estado” que interpela a consciência humana e cristã, que exige a concretização e o desenvolvimento da dimensão profética da Igreja e da vida dos cristãos neste âmbito. Ainda que a construção da justiça não seja a tarefa específica primeira da missão da Igreja, é, no entanto, “uma tarefa humana primária” – estou a citar, de forma solta, a *Deus Caritas Est* –, pelo que a Igreja «não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça»⁴².

A Igreja não pode, pois, ser “casa da misericórdia” se, nas suas relações internas e na sua vida quotidiana – desde o salário que as suas instituições pagam ao modo como trata as pessoas –, não se deixa orientar, antes de mais, por critérios de verdadeira e profunda justiça. É fundamental para a Igreja, se quer sinalizar credivelmente a misericórdia, começar por procurar traduzir na sua vida, com tenacidade e coerência, este lugar inalienável da justiça. A “injustiça que brada aos céus” e que existe na nossa sociedade e no nosso mundo só pode ser enfrentada por um agir profético corajoso e coerente. Só desse modo, por uma profunda sensibilidade às exigências da justiça, a Igreja pode traduzir eficazmente a opção preferencial pelos mais pobres que decorre do Evangelho, pode dar suporte de credibilidade a qualquer sinal ou palavra que aponte para a misericórdia.

⁴¹ IGREJA CATÓLICA. Sínodo dos Bispos – *A justiça no mundo*, Introdução. (Documento de 30 de novembro de 1971). [em linha]. [consult. 2016-01-27]. Disponível em WWW: < URL: http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_19711130_justizia_po.html >. Também em: Les documents du Synode épiscopal. II – La justice dans le monde. *La Documentation catholique* 1600 (1972), p. 12.

⁴² Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 2005-2013 (Bento XVI) – Encíclica *Deus caritas est*, 26 ss, part. 28. *AAS* 98: 3 (2006), 237-240.

2.5. O serviço fraterno como expressão nuclear do amor misericordioso de Deus

O anúncio e a celebração da misericórdia encontram a verdadeira e última medida na prática concreta, no modo de viver. É nos gestos e sinais do seu viver pessoal e comunitário que os cristãos e a Igreja no seu conjunto podem e devem sinalizar a Igreja como casa da misericórdia⁴³. Destaco apenas dois aspetos.

a) A dimensão fundamental do acolhimento

A misericórdia tem como pressuposto e expressão elementares a atitude de acolhimento. Mais do que nunca, estamos perante uma exigência mínima que qualquer comunidade cristã tem de ter como forma e caminho de presença em cada contexto específico e nas diversas dimensões em que o seu viver se exprime. Acolhimento é mais do que a disponibilidade de quem espera (ainda que isso, hoje em dia, não seja irrelevante!), mas pressupõe a capacidade de ir ao encontro (a história de Zaqueu é exemplar), mais ainda, a capacidade de saber escutar o outro com a sua sensibilidade, a sua experiência, a sua visão do mundo, as suas questões (religiosas, eclesiais ou outras).

O acolhimento exige pessoas e estruturas, mas pressupõe, antes de mais, um modo de entender e praticar a vida comunitária. Porque há opções a fazer, erros a evitar, o que às vezes passa por pequenos pormenores: se coloco à porta do cartório paroquial, na rua, ainda antes de as pessoas entrarem, as condições canónicas para que alguém possa ser padrinho de batismo ou casar na Igreja, não estou a saber acolher, não estou sequer a saber ouvir. O acolhimento tem de ser incondicional. E, rigorosamente falando, deve desenvolver-se num ministério laical ou batismal instituído, no sentido pleno da palavra, aberto a homens e mulheres. Mas, como é conhecido, o caminho de um desenvolvimento esclarecido e consistente de ministérios laicais ou batismais ficou pelo caminho. Como pode a Igreja, nestas circunstâncias, ser verdadeiramente um coração aberto e aparecer como tal, se, à partida, as regras canónicas são o critério determinante e não há criação de condições para escutar as pessoas na sua real situação e história de vida⁴⁴? Está aqui um aspeto prioritário, urgente, de reflexão e conversão nas nossas comunidades.

⁴³ Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – *Misericordiae vultus*, 9. *AAS* 107: 4 (2015), 405.

⁴⁴ Sobre a relação entre misericórdia e direito canónico, cf. as reflexões de KASPER – *La misericordia*, p. 169-175. Cf. também IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – *Evangelii Gaudium*, 24, 46-49 e 114. *AAS* 105: 12 (2013), 1029-1030, 1039-1040 e 1067.

b) O serviço das e nas instituições sociais cristãs

Nas suas iniciativas e nas suas instituições sociocaritativas a Igreja presta inúmeros e enormes serviços aos homens e mulheres do nosso mundo em situações várias de necessidade. Esse serviço é claramente subavaliado, às vezes irresponsavelmente menosprezado. Mas há dois aspetos que não podem ser ignorados. Por um lado, em muitas das nossas comunidades cristãs, a dimensão da diaconia, do serviço fraterno, não faz parte, a nível de consciência pessoal dos crentes e a nível da estruturação da comunidade, das funções essenciais da comunidade eclesial (juntamente com o anúncio e a celebração), ao ponto de permanecer mais marcada por iniciativas individuais ou ocasionais do que por um consciente, organizado e eficaz serviço comunitário. Por outro lado, nas instituições que existem e funcionam há aqui uma consciência humana e uma responsabilidade *à luz dos critérios evangélicos* que não podem ser subvalorizadas na sua importância, sob pena de aquilo que de melhor fazemos se poder transformar em negação do sentido do agir socio-caritativo da Igreja. Não basta estar, é preciso ver como se está e como se age: as instituições cristãs neste âmbito nunca podem perder de vista o sentido da sua missão, ou seja, ser nos limites e condicionamentos de cada circunstância um sinal inequívoco do amor misericordioso de Deus por cada homem e cada mulher, sobretudo os mais fracos, desprezados e abandonados.

Quando uma instituição eclesial presente e ativa neste campo não se distingue na atitude das pessoas que a servem, na transparência também financeira de tudo o que faz, nas prioridades que tem, no modo como se organiza e estrutura, estamos num caminho de perigosa contradição, porventura até de contratestemunho. Nunca se pode esquecer que estão sempre em causa pessoas e o modo humano de lidar com elas⁴⁵. «A burocratização do âmbito social e sanitário, até certo grau inevitável, cria novos problemas e acaba mesmo num sistema frio, impessoal e anónimo»⁴⁶.

⁴⁵ Embora referidas diretamente ao sacramento da reconciliação, estas palavras do Papa Francisco têm um alcance mais amplo: «A verdadeira misericórdia *interessa-se* pela pessoa, ouve-a atentamente, aproxima-se com respeito e com verdade da sua situação, acompanhando-a no caminho da reconciliação. Sim, não há dúvida, isto é cansativo. O sacerdote verdadeiramente misericordioso comporta-se como o Bom Samaritano... mas por que motivo age assim? Porque o seu coração é capaz de compaixão, é o Coração de Cristo!». IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – *Discurso do Papa Francisco aos párocos da diocese de Roma* (6 de março de 2014). AAS 106, 3 (2014), 186.

⁴⁶ KASPER – *La sfida della misericordia*, p. 47.

2.6. Uma espiritualidade e um estilo pastoral no quotidiano da vida: deixar transparecer o rosto misericordioso de Deus

“Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso” (Lc 6, 36): esta palavra posta nos lábios de Jesus não é traduzível num código, num conjunto de leis ou normas, aponta para algo que só o coração pode ver e levar à prática. Estamos no domínio do caminho sempre inacabado da perfeição e da santidade, do amor a Deus e ao próximo como critério decisivo da autenticidade e validade da existência cristã, como aquilo que, afinal, tudo decide. Quando falamos de misericórdia como convicção cristã profunda e atitude prática de vida, estamos a apontar para um dom, que se traduz em tarefa permanente e nunca acabada; não estamos a falar de algo adquirido de uma vez por todas e que só importa aplicar, mas de um caminho longo a percorrer⁴⁷. Mas, por isso mesmo, a radicalidade aqui sinalizada não aponta para algo de utópico (sem lugar), mas para a contínua memória de Jesus e a prática do seu seguimento. Nesse sentido destaco, a concluir, três aspetos.

a) A atitude de misericórdia não é mais um aspeto a marcar a existência crente, como se pudesse haver vida cristã sem misericórdia. Se a nossa existência crente se enraíza no e é suportada pelo Mistério do Deus misericordioso, a consciência desta realidade tem de ser “a chave da existência cristã”, a misericórdia – traduzida em palavras, sinais e atitudes – como expressão marcante do amor a Deus e ao próximo não é um acrescento exterior, antes é o núcleo interior, faz parte integrante do viver crente pessoal e comunitário. A misericórdia impulsionada pelo acolhimento da ternura, do “amor visceral” de Deus, tem de se expressar numa espiritualidade (isto é, num modo de viver segundo o Espírito de Jesus e do Pai, de acordo com os dons do Espírito Santo e em maior fidelidade a eles) e num estilo pastoral consistente (isto é, num modo conscientemente estruturado em relação a tudo o que a Igreja faz e à qualidade com que o deve realizar, na maneira como anuncia, celebra, serve, vive). Está em causa, verdadeiramente, uma atitude espiritual, um estilo de vida, um modo de acolher e procurar viver a proposta cristã, sempre conscientes dos limites e pecados que nos afetam, mas também animados pela certeza de que a graça de Deus, a ação do seu Espírito nos acompanha, fortalece e anima. A Igreja não é uma comunidade de pessoas que sabem mais que os outros ou de pessoas que se distinguem por práticas religiosas especiais, mas é, fundamental e radicalmente, comunidade de seguimento, comunidade de

⁴⁷ Cf. MARTO – *Maria, Mãe de Ternura e de Misericórdia*, p. 57 e p. 62.

pessoas que procuram escutar a Palavra de Deus⁴⁸ em diálogo com as exigências, os desafios e as urgências do cotidiano da vida de cada um. Estamos perante a exigência de uma “espiritualidade de olhos abertos”, uma conhecida expressão de Johann Baptist Metz, que Walter Kasper retoma, para afirmar: «Nesta situação, a misericórdia e a sua espiritualidade tornam-se chave da existência cristã. A sua mística não é a dos olhos fechados, mas dos olhos abertos, olhos que levam a ter corações abertos, mãos abertas, pernas velozes para vir ao encontro daqueles que estão na necessidade e na miséria. Assim, a misericórdia torna-se fundamental para uma espiritualidade e uma mística não só monásticas e clericais, mas para uma mística laical no meio do mundo»⁴⁹.

b) Apesar de algo subalternizadas na consciência reflexa e na formação existencial do comum dos cristãos, a linguagem tradicional das obras de misericórdia – materiais e espirituais – traduz traços e concretizações fundamentais da identidade cristã e da missão da Igreja, é expressão concreta duma espiritualidade e de um estilo pastoral de misericórdia. Basta lembrar que o seu enraizamento último é evangélico, enquanto releitura e explicitação concretas do capítulo 25 de São Mateus e das bem-aventuranças. Retomá-las com nova vitalidade e num alargamento de horizontes, face às circunstâncias e aos problemas novos que existem na sociedade – desde os desafios das novas formas de pobreza a todas as questões relacionadas com a falta de sentido para a vida – é uma tarefa fundamental, na formação humana e catequética a partir da fé⁵⁰. Trata-se, no fim de contas, de despertar a consciência cristã para os múltiplos modos possíveis e necessários de concretizar a prática quotidiana da misericórdia como algo que qualifica uma espiritualidade cristã e o estilo de ser cristão.

c) Nesta ordem de ideias é fundamental apurar a nossa sensibilidade pessoal e comunitária no sentido de ajudar verdadeiramente as pessoas que continuam a ter algum modo de relação com a Igreja e para as quais as normas da Igreja se podem tornar experiências dolorosas de becos sem saída.

⁴⁸ Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – *Misericordiae vultus*, 13. *AAS* 107: 4 (2015), 408.

⁴⁹ KASPER – *La sfida della misericordia*, p. 57. Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – *Homilia do Papa Francisco na Santa Missa com os novos Cardeais*: [Homilia de 15 de fevereiro de 2015]. *AAS*. 107, 3 (2015) 255-260.

⁵⁰ Cf. as reflexões de SILVA, Carlos H. do C. – Experiência mística e Obras de Misericórdia Corporais. In MARIANOS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA, ed. – *Obras de Misericórdia*, p. 67-122; IDEM – Obras de misericórdia espirituais e “realismo cristão” de Santa Faustina Kowalska. In MARIANOS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA, ed. – *Obras de Misericórdia*, p. 279-342.

Penso, por exemplo, nos pedidos de batismo, no não acesso à eucaristia de cristãos não católicos que vivem em matrimônios mistos ou na situação de pessoas que se divorciaram e voltaram a casar.

Genericamente falando – e nisso estamos todos de acordo –, trata-se de superar tanto uma atitude laxista como um comportamento rigorista, deixando-se interpelar pela real situação das pessoas e dando espaço sem fim ao amor insondável, misericordioso de Deus. Vale aqui o que o Cardeal Walter Kasper escreveu: «A pastoral misericordiosa não se confunde com uma pseudomiseri-córdia, isto é, com uma praxis pastoral de condescendência e de um cristianismo *light* e a bom preço»⁵¹. Mas não basta, antes é um contratemunho o que tem acontecido até aqui.

No que se refere às pessoas em situação irregular por motivos matrimoniais, temos bem consciência da complexidade de todos os aspectos envolvidos (desde questões de ordem doutrinal à especificidade de cada situação concreta), e assim se compreende que continuemos enredados numa incapacidade fundamental de anunciar, com credibilidade evangélica e sentido de autêntica humanidade, o Evangelho do matrimônio e da família bem como o Evangelho do amor misericordioso de Deus. O recente Sínodo dos Bispos, em duas etapas, e as reações que suscitou não deixam dúvidas sobre isso.

Neste aspeto, às vezes parece esquecer-se que a questão em análise não é apenas nem em primeiro lugar uma questão de misericórdia. A misericórdia a que aqui se apela é, no meu entender, a *ultima ratio*, a última luz que nos deve orientar na descoberta do que verdadeiramente está em causa aos olhos de Deus e como interpelação no sentido de que os cristãos e a Igreja sejam capazes de olhar bem a realidade, também em sincera autocrítica e numa atitude de prudência, mas igualmente de corajosa abertura ao futuro, por fidelidade ao próprio Evangelho na sua totalidade.

Será, por exemplo, que não caímos facilmente num escândalo farisaico porque nós próprios estamos inseguros quanto ao Evangelho da família que proclamamos e dizemos querer viver? Será que já tivemos/temos suficientemente em conta toda a tradição bíblica e eclesial nesta matéria? Será que já superámos uma visão excessivamente contratual-jurídica do matrimônio cristão em detrimento da dimensão pessoal que o suporta? Será que tomamos verdadeiramente em consideração a historicidade estrutural do viver humano e do próprio caminhar na fé? Será que já analisámos suficientemente as condições de vida das pessoas nos seus limites e dificuldades quotidianos dentro dessa dimensão de historicidade, hoje mais sentida do que nunca? Já nos

⁵¹ KASPER – *La sfida della misericordia*, p. 53.

perguntámos suficientemente pelas condições de maturidade humana e de consciência da fé que um sacramento verdadeiramente supõe? Já refletimos suficientemente sobre algumas ambiguidades e contradições que acompanham o lidar eclesial com estas questões? Somos capazes de valorizar devidamente e, no concreto das situações, de respeitar até ao fim a consciência das pessoas diante de Deus? Somos capazes de aceitar a reserva escatológica que tem de existir quando relacionamos as exigências do Evangelho com as nossas interpretações e conclusões eclesiais? Estas e outras são questões cruciais que, embora conhecidas, carecem, na realidade, de resposta teológica, magisterial e pastoral consistentes. São questões também cuja resposta supõe comunidades mais amadurecidas na fé e mais centradas no que é verdadeiramente essencial.

Não podemos ignorar os limites que condicionam sempre o nosso pensar e agir, a inevitabilidade dos amadurecimentos processuais e das “dores de crescimento”, a dificuldade e complexidade das situações que acompanham o viver humano e crente no desenrolar da história. Mas há caminhos que têm de ser percorridos, decisões que têm de ser tomadas, orientações que têm de ser dadas, por razões de humanidade, de consciência cristã, de testemunho inequívoco do amor misericordioso, gratuito, criador de vida, de Deus para conosco⁵². Uma Igreja “casa da misericórdia” necessita de gestos transparentes, palavras claras, atitudes coerentes. A questão decisiva é se verdadeiramente acreditamos que o Espírito de Jesus e do Pai nos acompanha nas condições sempre frágeis e limitadas do nosso peregrinar neste mundo.

Bibliografia

DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

IGREJA CATÓLICA. Papa, 2005-2013 (Bento XVI) – *Deus caritas est*, 1: [Carta Encíclica de 25 de dezembro de 2005]. *AAS*, 98, 3 (2006), 217-252.

IGREJA CATÓLICA. Conferência Episcopal Espanhola – *Iglesia, servidora de los pobres. Instrucción Pastoral (2015)*. [em linha]. [consult. 2016-01-27]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.conferenciaepiscopal.es/instruccion-pastoral-iglesia-servidora-los-pobres/>>

IGREJA CATÓLICA. Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos – *Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação*: (Declaração de 31 de outubro de 1999). [em linha]. [consult. 2016-01-27]. Disponível em WWW: <URL:

⁵² “A Igreja deve ser o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho” (IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – *Evangelii Gaudium*, 114. *AAS* 105: 12 (2013), 1067).

http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/documents/rc_pc_chrstuni_doc_31101999_cath-luth-joint-declaration_po.html>

IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – Bula *Misericordiae vultus*, 15: [Bula de Convocação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia]. *AAS*. 107, 4 (2015), 401-413.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – *Discurso do Papa Francisco aos bispos da Conferência Episcopal de Timor-Leste em visita “ad limina apostolorum”*: (Discurso de 17 de março de 2014) [em linha]. [consult. 2016-01-27]. Disponível em WWW: <URL: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/march/documents/papa-francesco_20140317_ad-limina-timor-est.html>

IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – *Discurso do Papa Francisco aos párocos da diocese de Roma*: [Discurso de 6 de março de 2014]. *AAS*. 106: 3 (2014), 183-184.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – *Evangelii Gaudium*, 186-201: [Exortação apostólica pós-sinodal de 24 de novembro de 2013]. *AAS*. 105, 12 (2013), 1020-1137.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013- (Francisco) – *Homilia do Papa Francisco na Santa Missa com os novos Cardeais*: [Homilia de 15 de fevereiro de 2015]. *AAS*. 107, 3 (2015), 255-260.

IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano – *Unitatis Redintegratio*, 6: [Decreto de 21 de novembro de 1964]. *AAS*. 57 (1965), 90-107.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Dives in misericordia*, 2: [Carta Encíclica de 30 de novembro de 1980]. *AAS*. 72 (1980), 1177-1232.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Mensagem do Papa João Paulo II para o Dia Missionário Mundial 2002*: [Mensagem de 19 de maio de 2002]. *AAS*. 94 (2002), 679-680.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Ut unum sint*, 91-94, part. 93: [Carta Encíclica de 25 de maio de 1995]. *AAS*. 87 (1995) 975-977.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1958-1963 (João XXIII) – *Gaudet Mater Ecclesia*, VII, 2: [Discurso na abertura solene do Concílio de 11 de outubro de 1962]. *AAS*. 54 (1962) 792.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1963-1978 (Paulo VI) – *Hodie Concilium Oecumenicum Vaticanum secundum*: [Discurso na última sessão pública do Concílio Vaticano II de 7 de dezembro de 1965]. *AAS*. 57 (1965) 54.

OUTROS SUBSÍDIOS

ARNTZ, Norbert – Vom “Konstantinischen Pakt” zum Katakombenpakt. *Stimmen der Zeit*. 233 (2015) 723-735.

BEINERT, Wolfgang – Die alleinseligmachende Kirche – oder: Wer kann gerettet werden? *Stimmen der Zeit*. 208: 2 (1990) 264-278.

BUENO DE LA FUENTE, Eloy – *A mensagem de Fátima. A misericórdia de Deus: o triunfo do amor nos dramas da história*. Fátima: Santuário de Fátima, 2013.

- CABECINHAS, Carlos – Reconciliação: tradição e realidade actual. In JORGE, Ana; PINHO, José E. B. de, coord. – *Envolvidos no amor de Deus pelo mundo. Experiência de Deus e responsabilidade humana*. Fátima: Santuário de Fátima, 2015, p. 225-237.
- CHIRON, Jean-François – Pourquoi l'Église? *Recherches de Science Religieuse*. 100: 4 (2012) 539-558.
- DE MORI, Geraldo – Une théologie à l'école des pauvres. Les nouvelles "frontières" de la théologie de la libération. *Revue théologique de Louvain*. 46 (2015) 369-398.
- FAMERÉE, Joseph – Le Catholicisme ou la tentation de l'intégralisme. *Revue Théologique de Louvain*. 44 (2013) 365-387.
- FOSSION, André – Evangelizar de forma evangélica. Breve gramática espiritual para uma pastoral do renascimento. *Pastoral Catequética*. 16 (2010).
Gemeinsame Synode der Bistümer in der Bundesrepublik Deutschland. Offizielle Gesamtaussage I. Freiburg-Basel-Wien: Herder, 1976.
- GETCHA, Job – La Confession et la direction spirituelle dans l'Église orthodoxe. *Irénikon*. 83: 1 (2010) 5-25.
- GRESHAKE, Gisbert – *Maria-Ecclesia. Perspektiven einer marianisch grundierten Theologie und Kirchenpraxis*. Regensburg: Pustet, 2014.
- HILBERATH, Bernd Jochen – Versöhnung-Lossprechung-Andachtsbeichte-Bussandacht: Ressourcen eines menschlichen-christlichen-kirchlichen Grundvollzugs. *Theologische Quartalschrift*. 194 (2014) 213-223.
- KASPER, Walter – Kirche als universales Sakrament des Heils. In KLINGER, Elmar; WITTSTADT, Klaus; RAHNER, Karl, eds. – *Glaube im Prozess. Christsein nach dem II. Vatikanum*. Freiburg-Basel-Wien: Herder, 1984, p. 221-239.
- IDEM – *La misericordia. Clave del Evangelio y de la vida Cristiana*. 6ª Ed. Santander: Sal Terrae, 2014.
- IDEM – *La sfida della misericordia*. Magnano: Qiqajon, 2015.
- MARTÍN VELASCO, Juan – La sal y la luz. Dos dimensiones de la presencia de las comunidades cristianas en la sociedad. *Sal Terrae*. 100 (2012) 295-308.
- MARTO, António – *Maria, Mãe de Ternura e de Misericórdia. Carta Pastoral 2015-2017. No centenário das Aparições*. Fátima: Diocese de Leiria Fátima, 2015.
- MÜLLER, Denis – Précarité institutionnelle de l'Église et radicalité du Royaume. *Recherches de Science Religieuse*. 99: 3 (2011) 395-413.
- NIYOKINDI, Nestor – *La Miséricorde comme clé de compréhension du mystère de Dieu-Trinité et de la mission de l'Église dans la trilogie des encycliques trinitaires de Jean Paul II*. Burgos: Monte Carmelo, 2013.
- PIRES, Basileu – A Igreja dos pobres, hoje. In MARIANOS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA, ed. – *Obras de Misericórdia. IV e V Semanas de Espiritualidade sobre a Misericórdia de Deus. Anos 2001 e 2002*. Fátima: Edições MIC, 2003, p. 23-66.

- PLANELLAS I BARNOSELL, Joan – A Igreja dos pobres. Do Vaticano II ao Papa Francisco. *Communio*. 32 (2015) 181-196.
- SILVA, Carlos H. do C. – Experiência mística e Obras de Misericórdia Corporais. In MARIANOS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA, ed. – *Obras de Misericórdia*, p. 67-122.
- IDEM – Obras de misericórdia espirituais e "realismo cristão" de Santa Faustina Kowalska. In MARIANOS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA, ed. – *Obras de Misericórdia*, p. 279-342.
- THEOBALD, Michael – Versöhnung im Gemeindebezug – Gnade durch Regeln? Biblisch-frühkirchliche Reminiszenzen. *Theologische Quartalschrift*. 194 (2014) 171-191.
- TIDJANI, Pierre – La Reconciliation avec l'Église dans le sacrement du pardon. *Nouvelle Revue Théologique*. 137 (2015) 542-560.